

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Eduardo Claus Farias da Rosa

**ENVOLVIMENTO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NAS AULAS: UM
ESTUDO DE CASO EM ESCOLAS DE PORTO ALEGRE-RS**

Porto Alegre
2017

Eduardo Claus Farias da Rosa

**ENVOLVIMENTO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NAS AULAS: UM
ESTUDO DE CASO EM ESCOLAS DE PORTO ALEGRE-RS**

Trabalho de conclusão de curso para a
obtenção da Graduação de Licenciatura em
Educação Física. Universidade Federal do Rio
Grande do Sul. Escola de Educação Física.

Orientador: Prof. Dra. Anelise Gaya

Porto Alegre
2017

Eduardo Claus Farias da Rosa

ENVOLVIMENTO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NAS AULAS: UM ESTUDO DE CASO EM ESCOLAS DE PORTO ALEGRE-RS

Conceito final:

Aprovado em de de

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. - ESEF-UFRGS

Orientadora – Prof^a. Dra. Anelise Gaya - ESEF-UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os que fizeram parte deste ciclo que está se encerrando. Aos professores ESEFID - UFRGS, colegas que fiz ao longe desses anos. Em especial, agradeço minha orientadora Prof. Anelise Gaya, por acreditar na minha produção e me auxiliar na finalização desse processo, estando disponível sempre que possível e nunca me deixando sem amparo. Agradeço também aos colegas que foram importantíssimos durante toda a trajetória acadêmica e, também, nesses últimos meses.

Aos meus familiares e pessoas próximas que sempre me apoiaram e me impulsionaram, só tenho as melhores palavras, pois sempre quando precisei eram eles que estavam ao meu lado. Meus pais, Ivan e Viviane, minhas irmãs, Marina e Mariana, sempre fizeram de tudo ao seu alcance para que tudo que desejei fosse realizado. Dedico essa conquista a eles.

Não posso deixar de agradecer, também, à minha namorada Caroline por sempre estar ao meu lado e me ajudar sempre, fazendo da rotina uma caminhada mais leve. Sei que, às vezes, tu estiveste mais nervosa que eu, mas sempre me apoiou e confiou em mim.

"Experience is a truer guide than the words of others".
Leonardo DaVinci

RESUMO

Introdução: A Educação Física Escolar, no Brasil, sofreu diversas mudanças com relação ao seu elemento norteador, durante sua breve história, sendo, nos últimos anos, amplamente discutidos o papel da disciplina e a importância do professor de Educação Física como mediador desse processo de ensino-aprendizagem. Objetivo: nesse estudo, apoiado em uma análise de campo, objetivou-se caracterizar as aulas de Educação Física no Ensino Fundamental, sob o prisma do envolvimento do professor de Educação Física. Metodologia: Trata-se de um estudo de caso, com abordagem mista, onde é adotado um delineamento descritivo. Sua amostra conta com 5 professores de Educação Física do Ensino Fundamental de 4 escolas da rede municipal de ensino de Porto Alegre. Valendo-se de dados coletados anteriormente, foram utilizados uma entrevista semiestruturada para a caracterização dos professores estudados, e; o instrumento SOFIT (System for Observing Fitness Instruction Time). O SOFIT consiste em uma ferramenta que visa a avaliação da qualidade do ensino da Educação Física. A utilização do SOFIT leva em conta, nesse trabalho, exclusivamente a fase 3 do referido instrumento. De acordo com o protocolo do instrumento, foram filmadas e observadas 2 aulas de cada professor, para a verificação da abordagem de cada docente durante as aulas. Resultados: Como resultado verificou-se as posturas de instrução e administração das atividades como as mais recorrentes, dando conta de mais da metade do tempo de aula despendidos nessas duas categorias. Na outra ponta, vê-se o dispêndio de tempo com atividades não relacionadas com as aulas como uma postura menos assumida pelos sujeitos desse estudo. Entretanto, viu-se que a abordagem que dá conta da promoção da aptidão física foi assumida por apenas um dos professores estudados. Conclusão: Entende-se que neste contexto, o tratamento dado à Educação Física é de uma disciplina estruturada e planejada, entretanto, evidencia-se uma pequena contribuição para a promoção da aptidão física e a construção de uma lógica de busca pela saúde, pelos alunos.

Palavras-chave: Educação Física Escolar, Envolvimento, Docência, SOFIT.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	OBJETIVO GERAL	10
1.2	QUESTÃO DE PESQUISA	10
2	REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1	EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR BRASILEIRA: BREVE HISTÓRICO	11
2.2	ENVOLVIMENTO DO PROFESSOR	14
3	METODOLOGIA	16
3.1	SUJEITOS DE PESQUISA	16
3.2	INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS	16
3.2.1	ENTREVISTAS	16
3.2.2	SOFIT	17
3.2.2.1	SOFIT – FASE 3	17
3.3	ANÁLISE DE DADOS	18
3.4	PROCEDIMENTOS ÉTICOS	18
4	RESULTADOS	19
4.1	CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO DE PROFESSORES	19
4.2	ENVOLVIMENTO DOS PROFESSORES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	20
5	DISCUSSÃO	23
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
	REFERÊNCIAS	26
	ANEXO I	29
	ANEXO II	30
	ANEXO III	32

1. INTRODUÇÃO

Ao longo de sua história a Educação Física Escolar, no Brasil, sofreu muitas mudanças. Tantas concepções e momentos distintos nos trazem ao que vemos hoje no cenário das escolas, seja em questão de princípios, objetivos, campo de atuação e – também – a maneira como ela é ensinada (BRASIL, 1997).

A partir de 1996, com a publicação da Lei de Diretrizes e Bases, a Educação Física tem lugar garantido dentro do grupo dos componentes curriculares da Educação Básica (BRASIL, 1996). Talvez essa seja o maior e mais significativo marco na história da Educação Física Escolar brasileira, até hoje. No entanto, uma das que mais causou dificuldades e que vai desafiando os professores, pois o intuito de desmarginalização depende de um tratamento diferenciado dos seus professores em relação à disciplina. Essa demanda tem trazido algumas dificuldades para a Educação Física no momento em que há a necessidade de que a disciplina se organize didaticamente, por estar no mesmo patamar das outras disciplinas (MELO, 2006).

O que tem se visto nas escolas e no momento atual da Educação Física Escolar é, ainda, alguma turbulência e dificuldade em desvincular-se de uma abordagem utilitarista da Educação Física (exercitar-se para...), assim como idealizar e consolidar uma nova prática que legitime a disciplina no ambiente da escola (GONZÁLEZ & FENSTERSEIFER, 2009, 2010). Tais dificuldades acabam por manter em atividade, algumas posturas que enfraquecem a Educação Física no espaço escolar.

No entanto, o que se vê ultimamente, é um grande debate e esforço para que a Educação Física recupere e solidifique seu lugar de prestígio dentro da escola, fugindo da lógica da “prática pela prática” (DARIDO, 2004). Artigos recentes dão o indício de que esta lógica já está mudando, com o direto envolvimento dos professores com a aula e os alunos na maior parte do tempo de aula, e o fato de estudarem sobre a prática pedagógica e o envolvimento dos professores (GALVÃO, 2002; DARIDO, 2001; 2004; FORTES *et al.*, 2012; HINO, REIS & AÑEZ, 2007; MARIA & LAÍÑO, 2006; MARQUES & COSTA, 2013) mostra que a preocupação com a qualidade da aula e da interação professor-aluno como centro do processo de ensino-aprendizagem tem tomado uma importância maior ao longo da última década.

Tendo-se o professor como ponto central do processo de ensino-aprendizagem, na função de mediador, espera-se que para uma educação de qualidade, este deva ter alto envolvimento com os alunos e atividades durante as aulas (AGUIAR, 2017).

1.1 OBJETIVO GERAL

Caracterizar as aulas de Educação Física no Ensino Fundamental, na rede municipal de ensino de Porto Alegre-RS.

1.3 QUESTÃO DE PESQUISA

- ✓ Qual o envolvimento do professor durante essas aulas?

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Educação Física Escolar Brasileira: Breve Histórico

A Educação Física na escola, no Brasil, teve inúmeros momentos e variadas concepções que a levaram à situação na qual se encontra hoje. Todas essas diferentes propostas e abordagens, ao longo do tempo, têm suas contribuições no que concerne a questões de concepção, finalidade e campo de atuação da disciplina, além de - também - influenciar o modo como é ensinada (BRASIL, 1997).

Em meados do século XIX, ocorreu o primeiro marco da Educação Física Escolar brasileira, com a Reforma Couto Ferraz, que tornava obrigatória a Educação Física nas escolas da Corte (BRASIL, 1997). Em 1854, após três anos de sua apresentação à Assembleia, a determinação foi promulgada, sendo obrigatória o ensino da ginástica, no primário e, da dança, no secundário (BETTI *apud* LEMOS, 2009). Mais para o final do mesmo século, em 1882, um novo marco com o parecer de Rui Barbosa sobre o Projeto 224 – Reforma Leôncio de Carvalho, Decreto n. 7.247, de 19 de abril de 1879, da Instituição Pública –, onde defendia a inserção da ginástica nas escolas, a equiparação dos professores de ginástica aos das demais disciplinas e a importância da Educação Física, vislumbrando o, à época, estimado processo de eugenia da raça brasileira (BOLINO, 2017).

No início, muito vinculada a entidades militares e à comunidade médica, a Educação Física tinha um caráter higienista, prezando por mudanças em hábitos de saúde e higiene. Essa função higienista pregava a busca por um corpo saudável, com um funcionamento orgânico harmonioso, o que seria uma forma de prevenção de doenças, além de “popularizar noções indispensáveis aos cuidados com a saúde” (MENDES;NÓBREGA, 2008, p. 214).

Método que é tido como “a primeira sistematização científica da Educação Física no Ocidente” (BRASIL, 1997, p. 20), o Movimento Ginástico Europeu – ginásticas alemã, francesa e sueca -, como parte de um movimento de cunho cultural, político e científico, era a base do que se ensinava em Educação Física no início do século XIX, no Brasil. Soares(1996), entende que, embora essas escolas de ginástica não tenham sido pensadas para o espaço da escola, os pedagogos e médicos, que pensavam a Educação Física na época, procuraram nelas preceitos que os ajudassem a elaborar uma proposta pedagógica para seu ensino no ambiente escolar.

No ano de 1937, a Educação Física foi, pela primeira vez, citada de forma explícita em publicações constitucionais. No artigo 131 da Constituição dos Estados Unidos do Brasil

(1937), a Educação Física, juntamente com o ensino cívico e os trabalhos manuais, são dadas como práticas educativas obrigatórias para todas as escolas. Após a instauração do Estado Novo, à Educação Física foram delegadas outras funções, por características do contexto, como o fortalecimento do trabalhador, a fim de aumentar sua capacidade produtiva.

Ao final do Estado Novo, estabeleceu-se um extenso debate acerca do sistema de ensino brasileiro (BRASIL, 1997). Tal discussão culminou com o ganho de espaço do esporte nas aulas de Educação Física. O Método Desportivo Generalizado (MDG) foi trazido ao Brasil por um de seus autores, Auguste Listello (CUNHA, 2017). A metodologia vinha em contrapartida aos métodos ginásticos tradicionais, e visava introduzir o esporte, que já se fazia uma entidade afirmada, na Educação Física Escolar, por meio de adequações pedagógicas. Darido (2001), em seu trabalho “Os conteúdos da Educação Física Escolar: influências, tendências e possibilidades”, apresenta um quadro no qual apresenta como finalidades do MDG as melhoras fisiológica, psíquica, social e moral, através do jogo esportivo e de uma abordagem lúdica. O que contrapõe a tendência higienista, onde a melhora das qualidades orgânicas e a formação das qualidades motoras são dadas como objetivo, sendo trabalhadas pela perspectiva dos métodos ginásticos e tendo como valores a obediência, o respeito à autoridade e a submissão (DARIDO, 2001). Nos anos 60, principalmente depois de 1964, uma nova roupagem foi dada à Educação Física. Influenciada pela lógica dos cursos técnicos profissionalizantes, largamente difundidos na época, um método tecnicista começou a tomar corpo na disciplina. Buscava-se, então, a melhora das performances físicas e técnicas do aluno.

Ao longo das décadas de 70 e 80 houve a introdução de um novo sentido na Educação Física, e uma posterior quebra desse paradigma. Um modelo, apoiado pelo governo militar, entendia a disciplina como ferramenta para a obtenção de uma juventude saudável, vislumbrando essas características como ideais para a formação de um exército, além, é claro, de utilizar a Educação Física e as atividades esportivas como dispersão de grupos políticos de oposição. Na época reforçaram-se os laços entre o esporte e o nacionalismo (BETTI *apud* DARIDO, 2001). Era intenção do governo a integração nacional e, nessa perspectiva esportivo-nacionalista, a campanha da seleção brasileira na Copa do Mundo de futebol de 1970 caracterizou-se como instrumento para reforçar tais preceitos. Nesse período, a Educação Física ainda se encontrava muito ligada à técnica, e adotava-se um modelo de ensino que visava que o Brasil se torna-se uma nação olímpica. O modelo piramidal presumia que o incentivo ao esporte escolar (base da pirâmide), abasteceria o segundo nível, definido pelo esporte de massa (clubes e instituições privadas), o que culminaria na obtenção de atletas de

alto rendimento para competir em âmbito nacional e internacional pelo país (BRASIL, 1997; BETTI, 1991, MACIEL, 2013 *apud* ESTEVES, 2015). No entanto, na década seguinte, o que se viu como resultado não condizia com as expectativas do modelo: não houve aumento significativo dos praticantes de atividade física, tampouco o Brasil tornou-se uma nação olímpica, o que trouxe questionamentos e debates sobre o que devia se esperar da Educação Física Escolar. Tais questões acabaram por romper com a lógica do rendimento e impulsionaram novas abordagens através de alterações nas políticas educacionais do país. Passou a se colocar em foco o desenvolvimento integral da criança, nos aspectos cognitivos, afetivos e psicomotores. Fortalecia-se então a Psicomotricidade, que tinha como intuito substituir a natureza predominantemente esportiva da Educação Física (SOARES, 1996).

A partir da década de 80, começam a surgir e ganhar força novas abordagens que aproximam-se da percepção de Educação Física que se tem nos dias de hoje, caracterizadas pela criticidade, com viés sociocultural mais desenvolvido. Entretanto, não excluindo práticas inerentes aos modelos que antes eram predominantes (DARIDO, 2001). Já nos anos 90 era possível perceber a abrangência do olhar da Educação Física Escolar, onde começava-se a entender uma integralidade entre as esferas biológica, psicológica e social. Também havia um olhar mais extenso sobre as práticas pertencentes à disciplina, que compreendia além dos esportes, a dança, as ginásticas, as lutas, os jogos e a capoeira (SOARES, 1996).

Em 1996, é estabelecido mais um marco histórico para a Educação Física no Brasil. Publicada em 20 de dezembro de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases (1996), respalda a Educação Física como “componente curricular da Educação Básica”, entendendo que esta deve estar alinhada à proposta pedagógica da escola e de acordo com as faixas etárias e condições da população escolar. A publicação, além da busca pela desmarginalização da disciplina ao levar em conta as especificidades da população da escola e a integração com o projeto pedagógico (BRASIL, 1997), demanda um diferenciado tratamento dos seus professores acerca da disciplina, uma vez que, estando no mesmo patamar dos outros componentes curriculares, existe a necessidade da melhor organização dos seus aspectos didáticos, para sua consolidação no ambiente escolar (MELO, 2006).

O momento atual da Educação Física Escolar no Brasil é instável. Enquanto tenta dar conta dos conteúdos da cultura corporal do movimento, que compreende saberes acerca das danças, jogos, esportes, lutas, ginásticas e outras atividades análogas (FORTES *et al.*, 2012), negando o antigo discurso do “exercitar-se para”, encontra muitas dificuldades para a organização e sedimentação de um novo norteador que legitime sua presença no ambiente escolar (GONZÁLEZ & FENSTERSEIFER, 2009).

Com a futura publicação da Base Nacional Curricular Comum (BNCC), que ainda necessita da aprovação do Conselho Nacional de Educação, a Educação Física – e as outras disciplinas – terá apontadas quais as aprendizagens essenciais para a sociedade brasileira, o que poderá facilitar a organização didática e a possível retomada do lugar de prestígio nas escolas. A BNCC será um documento para auxiliar na elaboração dos currículos e propostas pedagógicas, formação de professores, produção de material didático e avaliação, de escolas públicas e privadas.

2.2 O Envolvimento do professor

O professor ocupa uma posição ímpar em nossa sociedade, visto que dentro da escola é quem estabelece a conexão entre a mesma, o conhecimento dinâmico, o aluno e a sociedade (GALVÃO, 2002). No âmbito da Educação Física, o professor tem a tarefa de mediar a articulação dos conteúdos referentes à cultura corporal do movimento, oportunizando vivências em seu vasto universo de saberes, possibilitando aos alunos desfrutar desse conhecimento de forma autônoma (FORTES et al., 2012). Em vista disso, o envolvimento do professor e a sua prática docente se tornam tão relevantes no processo de ensino-aprendizagem.

Aguiar (2017) cita a prática docente como uma via de mão dupla na relação professor-aluno, tendo a qualidade da aula como resultante da interação do professor com os alunos. Acerca disso, Shigunov (1997) destaca que, independente da modalidade ou contexto prático, não pode existir nem falar-se de ensino, se não houver comunicação.

Ainda, Shigunov (1997), salienta que para promover a autonomia dos alunos, o professor deverá – levando em conta fatos palpáveis sobre os alunos – valer-se de diferentes estratégias e ferramentas que possibilitem a sua atuação amparar e incentivar o aluno de forma que este se torne o agente de sua própria aprendizagem. Mosston *apud* Aguiar (2017) corrobora as ideias de Shigunov quando caracteriza a mediação como a oferta de estímulos buscando a solução de problemas.

Galvão (2002), após análise de dados de trabalhos de outros autores evidenciou três características que poderiam definir um professor “bem-sucedido”: domínio do conteúdo e da metodologia, envolvimento e apropriação da realidade dos alunos, e o caráter reflexivo do trabalho docente. Dentre as diversas características (técnicas, afetivas e sociopolíticas descritas pela autora) estão inseridas as seguintes – que não podem ser atingidas sem que o professor de fato se envolva com a aula e os alunos:

- Conhece seus alunos e adapta o ensino às suas necessidades, incorporando a experiência do aluno ao conteúdo e incentivando sua participação;
- Aproveita o tempo útil, tem poucas faltas e interrupções;
- Usa eficientemente o material didático, dedicando mais tempo às práticas que enriquecem o conteúdo;
- Fornece *feedback* constante e apropriado;
- Demonstra interesse, entusiasmo, vibração, motivação e/ou satisfação com o ensino e seu trabalho, valorizando seu papel.
- Conhece a experiência social concreta dos alunos.

Segundo Galvão (2002), um professor que contemplasse a maior parte dos atributos expostos em suas tabelas (com outros além dos supracitados), dificilmente falharia na sua atuação como docente. No entanto, não é o que se vê em muitas das vezes. Darido (2004) a “prática pela prática” como contraponto à aplicação dos conteúdos da Educação Física. No entanto, a discussão pode, e deve, ir mais além, pois a ação mediadora do professor, em sua prática docente, é fundamental para construção dos saberes pelos alunos.

Contribuindo para a fragilização da Educação Física dentro do ambiente escolar, em relação às outras disciplinas, os estudos de Hino, Reis e Anez (2007), Fortes et al. (2012) e Maria e Laíño (2006) mostram professores que pouco se envolvem nas aulas e/ou despendem muito do tempo de aula na realização de tarefas sem qualquer relação com a mesma. Corroborando com González e Fensterseifer (2009), esses dados indicam razões para as dificuldades de obtenção de espaço e representatividade dentro da escola, e, da construção de um perfil da Educação Física Escolar no Brasil.

3. METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de um estudo de caso que adota um delineamento descritivo, sendo utilizada uma abordagem quantitativa (GAYA, 2016). Serão utilizados nesse estudo os dados referentes à biografia dos professores, obtidos em entrevistas semiestruturadas (ANEXO I), assim como as avaliações do envolvimento dos mesmos nas aulas, obtidos por meio do instrumento SOFIT.

3.1 SUJEITOS DE PESQUISA

Para esse estudo, utilizou-se material pertencente ao banco de dados do PROESP (Projeto Esporte Brasil) referentes ao Projeto Atuações pedagógicas inerentes a práxis dos professores de Educação Física Escolar. Foram avaliadas duas aulas de 5 professores de 4 escolas da rede municipal de ensino de Porto Alegre, além da utilização de uma entrevista semiestruturada com fins de caracterizar as concepções dos sujeitos acerca da disciplina de Educação Física, sobre sua prática pedagógica e as características das aulas. Antes de terem suas aulas observadas, os professores deviam se encaixar em uma série de exigências, além de assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO II). Após isso, os professores tiveram duas de suas turmas sorteadas. Observou-se uma aula de cada turma. Para participarem, os alunos de cada professor, precisaram obter autorização de imagem de seus Pais ou Responsáveis Legais.

3.2 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

3.2.1 ENTREVISTAS

No que diz respeito às entrevistas, serão utilizados os dados de biografia dos professores, para fins de contextualização dos mesmos. Todos os professores participaram, individualmente, das entrevistas, que ocorreram na escola, com horário e data marcados antecipadamente. As entrevistas foram gravadas e, em seguida, transcritas.

3.2.2 SOFIT

Tendo em conta os objetivos gerais e específicos, assim como a proposta metodológica deste trabalho, o SOFIT (*System for Observing Fitness Instruction Time*) (ANEXO III) foi a ferramenta utilizada. O SOFIT consiste em um instrumento que tem como objetivo avaliar a qualidade das aulas de Educação Física, sendo já bastante utilizado, nos Estados Unidos, para análise de aulas. O SOFIT se caracteriza por ser amplo e permite ao pesquisador coletar dados sobre alguns aspectos da aula, como o seu contexto, os níveis de atividade dos alunos, além do comportamento do professor durante a aula, por meio de observação direta.

Observando o protocolo do SOFIT, 2 aulas de cada professor foram filmadas. Em cada uma dessas aulas foram sorteados 6 alunos (sendo 3 do sexo masculino e 3 do feminino), onde 2 (um de cada sexo) eram alunos reservas, para o caso de um dos outros alunos faltarem à aula. Todas as aulas observadas eram destinadas a alunos do ensino fundamental, tendo essas observações sido organizadas por praticidade de horários e de acordo com a organização da escola. Filmou-se todas as aulas e, posteriormente, realizou-se uma análise das mesmas através do instrumento SOFIT.

As observações a partir do SOFIT se dividem em 3 fases, que englobam cada um dos aspectos possíveis de serem estudados: Fase 1 – referente ao nível de atividade física; Fase 2 – relativa ao contexto/conteúdo das aulas; e Fase 3 – que dá conta do envolvimento do professor. De acordo com os objetivos estabelecidos para este estudo, apenas utilizou-se a Fase 3 do instrumento, que segue uma padronização para a sua classificação. Tais convenções que norteiam esses parâmetros serão expostas a seguir.

3.2.2.1 SOFIT – FASE 3 – ENVOLVIMENTO DO PROFESSOR

A avaliação das posturas assumidas pelo professor, durante a aula, aconteceu a partir das seis categorias abaixo:

- a) Promoção de aptidão física (P): nesta categoria estariam as posturas do professor que estimulam ou encorajam o aluno ao realizar uma atividade de melhora da aptidão física;
- b) Demonstração (D): ilustração, por meio de exemplo, de como os alunos devem executar a atividade proposta;

- c) Instruções gerais (I): manifestação verbal do professor durante as atividades. Tais como *feedback* positivo, desde que não se trate de promoção de aptidão física;
- d) Gerenciamento (M): refere-se à organização da aula (ambiente, estudantes e atividades). Pode-se pensar na montagem dos equipamentos, organizar materiais, orientar os estudantes dentro das tarefas;
- e) Observação (O): quando o professor assume a postura de apenas observar um estudante, um grupo de estudantes, ou a turma toda;
- f) Outras tarefas (T): quando o professor está envolvido em alguma ação que não se relaciona com a aula em questão, como ler jornal, sair do local de aula, atender o telefone;

3.3 ANÁLISE DOS DADOS

As gravações das aulas foram analisadas e avaliadas conforme as categorias supracitadas, para a caracterização do envolvimento do professor nas aulas de Educação Física observadas. Essas análises, de caráter quantitativo, foram expostas como médias e porcentagens para posterior discussão das posturas assumidas pelos professores, e serão expostas juntamente com uma breve caracterização dos professores. Para fins de caracterização dos professores estudados, foram utilizadas respostas referentes aos tópicos 1 e 3 do roteiro de entrevista.

3.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

À época da coleta dos dados, foram tomadas todas as medidas éticas necessárias, como assinatura do Termo de Autorização de Desenvolvimento de Pesquisa, pelos (as) diretores (as) de cada escola. Também, os professores participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Ainda, para a realização das filmagens, os professores obtiveram os Termos de Imagem, de acordo com o consentimento. As gravações estão, desde sua obtenção, sob responsabilidade da pesquisadora/responsável pelo projeto, Prof^a. Dra. Anelise Reis Gaya, na sala 205 da ESEFID, pelo período de 5 anos, sendo, ao final desse espaço de tempo, destruídas. Sendo o acesso aos dados permitido apenas a pesquisadores autorizados e/ou envolvidos ao projeto original. O projeto original passou pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tendo aprovação, sob o nº 1.928.732.

4. RESULTADOS

4.1 CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO DE PROFESSORES E SUAS TURMAS

Este tópico do presente trabalho visa a apresentação das características dos professores que compõem o grupo de sujeitos estudados, assim como de suas turmas, para a posterior análise sobre seu envolvimento nas aulas. Esses dados – sexo, idade, formação, tempo de atuação na Educação Física escolar, ano das turmas das quais é responsável e número de alunos – foram obtidos a partir da entrevista semiestruturada.

Tabela 1 – Caracterização do grupo de docentes e suas turmas

	<i>A</i>		<i>B</i>		<i>C</i>		<i>D</i>		<i>E</i>	
Escola	1		1		2		3		4	
Sexo	F		M		M		F		F	
Idade	51 anos		54 anos		47 anos		28 anos		53 anos	
Ano de formação	1988		1984		1990		2011		1985	
Instituição de ensino	UFRGS		UFRGS		UFSM		IPA		IPA	
Tempo de atuação	23 anos		23 anos		15 anos		6 anos		26 anos	
Cursos (especialização/pós-graduação)	Esp. Psicomotricidade		Mest. Ciências do Esporte		Mest. Educação		Esp. Coordenação Pedagógica		Mest. Ciências da atividade física e do esporte	
Ano da turma	9°	8°	8°	7°	5°	4°	6°	5°	2°	2°
N° de alunos	17	18	17	16	14	12	22	21	13	18

A partir da análise da tabela 1, algumas informações acerca do grupo de professores ficam evidentes. Verifica-se que todos os docentes possuem alguma especialização ou pós-graduação. Tratam-se, em sua maioria, de professores que já atuam há bastante tempo na Educação Física escolar e já com uma certa idade, com uma média de atuação próxima de 19 anos e uma média de idade de 47 anos, sendo a exceção dos dois fatores o professor D. Nota-se, também, que excluindo o professor D, todos os outros se formaram em um intervalo de 5 anos, e há uma média de 30 anos. No entanto, as características de formação (graduação e, pós-graduação e especialização) e tempo de atuação indicam um grupo de profissionais bastante qualificados e experientes.

Ainda, a tabela 1 nos mostra que cada professor trabalha, normalmente, com turmas próximas umas das outras, no que concerne à progressão escolar. A amostra, heterogênea em termos de anos das turmas estudadas, proporciona uma visão do início, meio e fim do ensino da Educação Física no Ensino Fundamental. Verifica-se, nessas turmas, uma média de aproximadamente 17 alunos por turma.

4.2 ENVOLVIMENTO DO PROFESSOR NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Tabela 2 – Envolvimento dos professores por aula

Professor	A			B			C			D			E		
	1	2	Média	1	2	Média	1	2	Média	1	2	Média	1	2	Média
Aula	1	2	<i>Média</i>	1	2	<i>Média</i>	1	2	<i>Média</i>	1	2	<i>Média</i>	1	2	<i>Média</i>
Ano	9°	8°	-	8°	7°	-	4°	5°	-	6°	5°	-	2°	2°	-
N° Alunos	17	18	17,5	17	16	16,5	12	14	13	22	21	21,5	13	18	15,5
P (%)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4,8	1	2,9
D (%)	7,8	7	7,4	19,2	4,1	18,3	0	3,4	1,7	0	5	2,5	13,4	8,4	17,6
I (%)	34,3	35	34,7	35	34,9	35	35,4	55,1	45,3	45,4	53	49,2	56	46,3	51,2
M (%)	52,9	54	53,5	33,3	48,2	40,8	62,7	34,4	48,6	39,7	33	36,4	21,9	28,4	25,2
O (%)	3,9	2	3	10,5	6,2	8,4	0	5,7	2,9	7,9	2	5	3,6	14,7	9,2
T (%)	0,9	1	1	0,8	1,3	1	0	0	0	6,8	7	6,9	0	2,1	1

(P) promovendo aptidão física; (D) demonstração; (I) instruções gerais; (M) gerenciamento; (O) observação; (T) outras tarefas;

Ao se observar a análise das aulas do professor A, dispostas na tabela 2, evidencia-se como central, em seu envolvimento com a aula, as atividades de gerenciamento, ocupando 53,5% de suas aulas. Na sequência de prevalência nas aulas da professora A vêm as instruções gerais (34,7%), demonstração (7,4%), observação (3%) e outras tarefas (1%). Assim como verifica-se uma grande coerência entre ao comportamento adotado nas duas aulas, como um todo.

De acordo com a tabela, o resultado da participação do professor B refere-se a 40,8% gerenciando a aula, 35% instruindo os estudantes, 18,3% demonstrando as tarefas, 8,4% dedicados à observação, e 1% a outras tarefas. Na comparação entre as duas aulas, nota-se uma equiparação da porcentagem de instruções gerais (35% e 34,9%), enquanto o parâmetro de demonstração oscila amplamente (19,2% e 4,1%)

A partir da utilização do SOFIT, ao observar as aulas do professor C, constata-se que o docente passa 48,5% do tempo de aula gerenciando, e 45,2% a instruir os estudantes. Os outros 4,6% das aulas se dividem em 1,7% para demonstração e 2,9% para observação. Chama atenção o predomínio do gerenciamento na aula 1 deste docente (62,7%).

Os dados expostos na tabela 2 retratam o envolvimento da professora D durante as aulas da seguinte forma: 49,2% dando instruções, 36,3% no gerenciamento, 6,9% dedicados a outras tarefas, 4,9% observando a aula e 2,5% em demonstrações. Destaca-se, nas aulas da professora, a relevância do tempo despendido em outras tarefas (6,9%), quase 7 vezes maior do que os outros professores avaliados.

Como resultado do SOFIT para o professor E, observamos que este passa 51,2% dando instruções, 25,1% gerenciando as aulas, 10,9% demonstrando, 9,1% observando, 1% em outras tarefas e 2,9% promovendo a aptidão física. Dentre os sujeitos dessa pesquisa, apenas o professor E assumiu posturas de promoção de aptidão física ao longo das aulas observadas.

A análise do envolvimento dos professores, a partir do SOFIT, dentro de cada ciclo de ensino fornece os dados das médias exibidas na tabela 3. As etapas do 1º ao 5º ano integram o 1º ciclo, enquanto o 6º, o 7º, o 8º e o 9º anos pertencem ao 2º ciclo (BRASIL, 2006). Nos dados expostos, o envolvimento dos professores no primeiro ciclo aparece com a seguinte composição 49,2% de instruções, 36,1% de gerenciamento da aula, 6% de demonstrações, 5,2% de observação, 2% de outras tarefas e 1,2% de promoção da aptidão física. Em relação aos professores do segundo ciclo, seu envolvimento na aula se deu da seguinte forma: 45,6% gerenciando as tarefas e os estudantes, 36,9% instruindo os alunos, 7,6% despendidos em demonstrações, 6,1% foram demandados à observação da aula, e 1,8% referentes ao tempo dedicado a outras tarefas. Evidencia, no envolvimento dos professores do segundo ciclo, a ausência da promoção da aptidão física durante as aulas.

Tabela 3 – Envolvimento dos professores nos ciclos de ensino

	P (%)	D (%)	I (%)	M (%)	O (%)	T (%)
1º Ciclo	1,2	6	49,2	36,1	5,2	2,2
2º Ciclo	0	7,6	36,9	45,6	6,1	1,8

P) promovendo aptidão física; (D) demonstração; (I) instruções gerais; (M) gerenciamento; (O) observação; (T) outras tarefas;

Para a caracterização do envolvimento dos professores como um todo, faz-se necessário o cálculo da média da média de cada um dos parâmetros, de cada professor (tabela 4). Sendo assim, assume-se que os professores distribuem seu tempo em aula da seguinte maneira: 0,6% na promoção de aptidão física, 6,9% em demonstrações, 43,1% dando instruções, 40,9% no gerenciamento da aula, 5,7% observando e 2% dando conta de outras tarefas.

Tabela 4 – Envolvimento geral dos professores

Média	P (%)	D (%)	I (%)	M (%)	O (%)	T (%)
geral	0,6	6,9	43,1	40,9	5,7	2,0

P) promovendo aptidão física; (D) demonstração; (I) instruções gerais; (M) gerenciamento; (O) observação; (T) outras tarefas;

5. DISCUSSÃO

Levando em conta os objetivos da pesquisa de caracterizar as aulas dos professores de Educação Física a partir de seu envolvimento nas aulas, observamos que os professores que participaram do estudo de uma forma geral tendem a se envolver com a aula. Os professores tendem a gerenciar as aulas e/ou dar instruções gerais aos alunos mais de 85% do tempo de aula. Os resultados trazidos por Marques e Costa (2013) apresentam números parecidos, com os professores estudados tendo despendido mais de 75% na organização das aulas e em instruções gerais. Tais achados são contrários ao que se vê normalmente na literatura.

Corroborando dessa diferença – entre o que se vê na literatura e os resultados do presente estudo – Fortes *et al.* (2012) traz, em seus resultados, professores que assumem as posturas de gerenciamento e instrução em 45,1% do tempo de aula, sendo quase a metade do tempo que os professores estudados se envolvem com as mesmas atitudes. Ainda, Fortes *et al.* (2012), aproxima-se do presente estudo, quando se olha para a postura de promoção de aptidão física nos dois estudos. Os valores de 1,1% e 0,6%, nos estudos desenvolvidos em Pelotas e Porto Alegre, respectivamente, são as posturas menos assumidas nas aulas dos professores avaliados.

Os estudos de Fortes *et al.* (2012), Hino, Reis e Añez (2007) e Maria e Laíño (2006), contrariam o que foi achado neste estudo. Os professores estudados nesses 3 trabalhos, dedicavam muito tempo de suas aulas a atividades de observação ou tarefas não relacionadas às aulas, com médias superiores a 50% na combinação dessas duas categorias. Os professores estudados na cidade de Pelotas gastavam, em média, 51,1% em observação e outras tarefas. Já os professores portenhos, tem média de 63,8% nessas duas posturas. O estudo de Hino, Reis e Añez (2007), sobre os professores curitibanos, mostra a observação e o envolvimento com tarefas alheias às aulas com um percentual maior a 75% - desses, quase 40% relativos a outras tarefas - do tempo total de aula, indicando quase que total descaso com uma prática pedagógica de qualidade.

Em relação à promoção de aptidão física, os achados trazidos por Fortes *et al.* (2012), Maria e Laíño (2006) e Hino, Reis e Añez (2007) assemelham-se com o que foi encontrado no estudo com os professores de Porto Alegre, com médias de 1,1%, 2,2%, 8,1% e 0,6% do tempo de aula, respectivamente, dedicados a essa categoria. Em contraponto, o estudo de Marques e Costa (2013) evidenciou que os professores destinavam a promoção de aptidão física 12,8%.

Percebe-se ao observarmos os achados, que parece existir uma pequena tendência de mudança dos professores de Educação Física quanto ao seu envolvimento durante as aulas. Os estudos mais antigos trazem médias de postura relativa a outras tarefas com médias entre 26% e 37,5%, enquanto estudos mais atuais apresentam como valor máximo o que se estabelecia como mínimo há 10 anos, abrangendo um intervalo entre 26% e 0,2% do tempo de aula dedicados a essas tarefas alheias à aula.

Possivelmente as discussões e debates acerca do papel da Educação Física e do professor de Educação Física que crescem nas últimas décadas tenham ligação direta com essa mudança. Os debates sobre o tema tendem a aproximar cada vez mais a realidade do que se espera dos professores e, quiçá possa auxiliar na constituição de um perfil de Educação Física Escolar, no Brasil, de forma que a disciplina retome seu espaço dentro da escola e se consolide cada vez mais como importante componente curricular na educação brasileira.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da observação das aulas para caracterização do envolvimento dos professores com a aula, evidencia-se que a Educação Física é tida como disciplina planejada e estruturada, à qual se dá o devido cuidado e importância. As posturas de administração e instruções foram as que se sobressaíram dentre as demais, demonstrando alto índice de envolvimento dos professores com as atividades e os alunos.

Em discordância com o que se encontra em alguns estudos, os achados desse estudo indicam professores que têm consciência da importância da sua atuação como mediadores do processo de ensino-aprendizagem, envolvendo-se com as aulas e os alunos, de forma a criar um ambiente mais propício para o desenvolvimento dos alunos. Tais resultados nos dão o indício de que a Educação Física Escolar esteja se dirigindo à consolidação da disciplina no ambiente escolar, de forma a cimentar seu lugar nos currículos e caracterizar-se como parte integrante e fundamental da educação brasileira.

Faz-se importante, ainda, mais estudos sobre o assunto para que se possa identificar e fomentar essa mudança de atitude do professorado brasileiro em relação ao envolvimento com as aulas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Priscilla Spindola de. **Atuações pedagógicas inerentes a práxis dos professores de Educação Física Escolar**. 2017. 72 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

BOLINO, Claudete. **Educação Física Escolar: primeiros tempos**. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo3/109.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2017.

BRASIL. Constituição (1937) **Constituição dos Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro, 1937. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm>. Acesso em 18/05/2017.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/96)**. Ministério da Educação e Cultura, Brasília: Ed. Brasil, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ampliação do Ensino Fundamental para nove anos: 3º relatório do programa**. 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/relatorio_internet.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum**. Disponível em <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 02 ago. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais, educação física**. Brasília, DF, 1998. V.7.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Ed. Cortez, 1992.

CUNHA, Luciana Bicalho da. **A Educação Física Desportiva Generalizada no Brasil: primeiros apontamentos**. Disponível em: <<https://anpedsudeste2014.files.wordpress.com/2015/04/luciana-bicalho-da-cunha.pdf>>. Acesso em: 19 maio 2017.

DARIDO, Suraya Cristina. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 61-80, mar. 2004. ISSN 1981-4690. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16551>>. Acesso em: 08 may 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S1807-55092004000100006>.

DARIDO, Suraya Cristina. Os conteúdos da Educação Física Escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades. **Perspectivas em Educação Física Escolar**, Niterói, v. 2, n. 1, (suplemento) out. 2001.

ESTEVES, Bruno Botti. **Educação Física Escolar e Esporte**: como foi que se tornaram ‘sinônimos’ em terras brasileiras. 2015. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd207/educacao-fisica-escolar-e-esporte-se-tornaram-sinonimos.htm>>. Acesso em: 22 maio 2017.

FORTES, Milena de Oliveira et al. A Educação Física escolar na cidade de Pelotas, RS: contexto das aulas e conteúdos. **Revista da Educação Física/UEM**, [s.l.], v. 23, n. 1, p.69-78, 1 abr. 2012. Universidade Estadual de Maringá.

GALVÃO, Z. Educação Física Escolar: a prática do bom professor. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. I(D): 65-72. 2002.

GAYA, Adroaldo. **Projetos de pesquisa científica e pedagógica**: o desafio da iniciação científica. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2016. 426 p.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não-lugar da EF escolar I. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 9-24, set/ 2009.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não lugar da EF escolar II. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 10-21, mar/2010.

HINO, A.A.F.; REIS, R.S.; ANEZ, C.R.R. Observação dos níveis de atividade física, contexto das aulas e comportamento do professor em aulas de educação física do ensino médio da rede pública. **Revista brasileira de atividade física & saúde**, Londrina, v.12, n.3, p. 21-30, set./dez. 2007.

LEMOS, Fábio Ricardo Mizuno. **Educação Física Escolar, Ensino médio**: entre a legislação e a ação. 2009. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd130/educacao-fisica-escolar-entre-a-legislacao-e-a-acao.htm>>. Acesso em: 25 maio 2017.

MARIA, Claudio Jorge Santa; LAÍÑO, Fernando Alberto. Aproximação ao estudo dos perfis de gasto energético em relação aos conteúdos e contextos, e à participação docente, durante as aulas de educação física em escolas médias da cidade de Buenos Aires. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 14, n. 4, p.95-102, jun. 2006.

MARQUES, A; COSTA, C.F. Educar para um estilo de vida ativo. Caracterização das aulas de um grupo de professores de Educação Física. **Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física**, v. 37, p. 109-123, 2013.

MELO, J. P. Perspectivas da educação física escolar: reflexão sobre a educação física como componente curricular. *Revista Brasileira de Educação Física*, São Paulo, v.20, p.188-90, setembro 2006. Suplemento n.5.

MENDES, Maria Isabel B. de Souza; NÓBREGA, Terezinha P. da. O Brazil-Medico e as contribuições do pensamento médico-higienista para as bases científicas da educação física brasileira. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.209-219, jan.-mar. 2008

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Promoting active living in and through schools: Policy statement and guidelines for action. Report of a WHO meeting in Esbjerg, Denmark, 25-27 May 1998. Disponível em:

<http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/67374/1/WHO_NMH_NPH_00.4.pdf>. Acesso em: 15/05/2017.

SOARES, Camen Lúcia. **Educação Física Escolar:** conhecimento e especificidade. 1996.

Disponível em: <[https://fehd.ufg.br/up/73/o/Texto_65_-](https://fehd.ufg.br/up/73/o/Texto_65_-_Educao_Fisica_Escolar_-_Conhecimento_e_Especificidade_-_Carmem_Lucia_Soares.pdf)

[_Educa_____o_F_____sica_Escolar_-_Conhecimento_e_Especificidade_-](https://fehd.ufg.br/up/73/o/Texto_65_-_Educao_Fisica_Escolar_-_Conhecimento_e_Especificidade_-_Carmem_Lucia_Soares.pdf)

[_Carmem_L_____cia_Soares.pdf](https://fehd.ufg.br/up/73/o/Texto_65_-_Educao_Fisica_Escolar_-_Conhecimento_e_Especificidade_-_Carmem_Lucia_Soares.pdf)>. Acesso em: 10 maio 2017

ANEXO I

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

1. Experiência do professor
 - 1.1 Instituição e ano de formação?
 - 1.2 Quanto tempo atua como professor?
 - 1.3 Cursos de pós-graduação? (especialização, mestrado, doutorado)
 - 1.4 Frequenta congressos/cursos da área/formação continuada?
 - 1.5 Teu curso superior te deu subsídios para licenciar aulas de Educação Física?

2. Prática pedagógica
 - 2.1 Como caracterizaria tua aula de Educação Física?
 - 2.2 Quais os principais objetivos das tuas aulas de educação física?
 - 2.3 Segue algum planejamento?
 - 2.4 Em suas aulas aborda questões referentes à saúde? (Quais? Como?)
 - 2.5 Quantas vezes está planejado no currículo da escola a realização de aulas de educação física?
 - 2.6 Achas importante a Educação Física como um componente curricular? Por que?
 - 2.7 Qual seria a solução para que a Educação Física, assim como as demais disciplinas fosse planejada e tivesse seu processo ensino- aprendizagem adequado? Seria um professor de Efi ou seria a possibilidade de um professor de Efi que apenas auxiliasse no planejamento das atividades?

3. Condições de trabalho
 - 3.1 A escola (direção/coordenação) te apoia para licenciar as aulas de Educação Física?
 - 3.2 Espaços físicos das aulas?
 - 3.3 Material didático?
 - 3.4 Número de alunos por turma?
 - 3.5 São turmas mistas?
 - 3.6 Qual a sua maior dificuldade em aplicar aulas de Educação Física?

ANEXO II

Termo Consentimento Livre e Esclarecido

Caro Sr(a) Professor (a)

Pelo presente documento convidamos vossa escola a participar de uma pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso, *Educação Física nos Anos Iniciais, um paradoxo educacional*. Neste trabalho propomos um estudo multivariado da importância e relevância da Educação Física vista pelo corpo educacional da escola. Nosso principal objetivo é a caracterização da Educação Física nos anos iniciais avaliando a identidade que a disciplina tem perante professores unidocentes, assim como sua preparação para a licenciatura das aulas. Assim solicitamos a vossa autorização para: (1) entrevista-lo sobre sua formação , e sua visão sobre a relevância da Educação Física no currículo escolar; (2) para a observação de uma aula de Educação Física.

Caro professor (a), todos os procedimentos serão realizados nas dependências da escola sob a responsabilidade do Prof. Dra. Anelise Gaya orientadora do trabalho e professora da Escola de Educação Física da UFRGS. O pesquisador responsável mantém-se a sua inteira disposição para esclarecimentos sobre todas as atividades propostas. Além disso, o Sr(a) poderá a qualquer momento retirar-se do projeto sem qualquer prejuízo pessoal ou institucional.

Ressaltamos que será mantido em sigilo sua identidade, bem como a da escola. Os dados coletados servirão exclusivamente para fins de pesquisa acadêmica. Todas as entrevistas serão entregues, podendo ser revisadas pelos participantes da pesquisa se necessário.

Este projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS (CEP- PROPESQ), sob o parecer de número 2008010.

Agradecemos vossa colaboração e colocamo-nos a disposição para qualquer esclarecimento. Os contatos podem ser feitos pessoalmente; pelo telefone do orientador do trabalho Prof. Dra. Anelise Gaya (5199242909) e; por e-mail (anegaya@gmail.com). Qualquer encaminhamento sobre procedimentos éticos podem ser encaminhados ao CEP-UFRGS pelo telefone (51) 33083629.

Prof. Dra. Anelise Gaya

Como professor (a) da Escola, estou
ciente e concordo em participar da pesquisa *Educação Física nos anos iniciais, um
paradoxo educacional*, coordenado pela Prof. Anelise Gaya.

Porto Alegre, _____ de _____ de 2014.

Assinatura Professor (a)

ANEXO III

SOFIT

SOFIT 15

Date _____ School _____ Grade _____ Teacher _____ Tchr Gen: M E
 Time start _____ Observer _____ Rel obs _____ No of students _____ Location: O I
 Time end _____ Lesson Length _____ No of obs. _____ Page 1 2 3 4 of _____

Interval	Student Activity	Lesson Context	NOTES
	1	1 2 3 4 5	M K P F S G O
	2	1 2 3 4 5	M K P F S G O
	3	1 2 3 4 5	M K P F S G O
o	4	1 2 3 4 5	M K P F S G O
n	5	1 2 3 4 5	M K P F S G O
e	6	1 2 3 4 5	M K P F S G O
	7	1 2 3 4 5	M K P F S G O
m/f	8	1 2 3 4 5	M K P F S G O
	9	1 2 3 4 5	M K P F S G O
	10	1 2 3 4 5	M K P F S G O
	11	1 2 3 4 5	M K P F S G O
	12	1 2 3 4 5	M K P F S G O
	13	1 2 3 4 5	M K P F S G O
	14	1 2 3 4 5	M K P F S G O
	15	1 2 3 4 5	M K P F S G O
t	16	1 2 3 4 5	M K P F S G O
w	17	1 2 3 4 5	M K P F S G O
o	18	1 2 3 4 5	M K P F S G O
	19	1 2 3 4 5	M K P F S G O
m/f	20	1 2 3 4 5	M K P F S G O
	21	1 2 3 4 5	M K P F S G O
	22	1 2 3 4 5	M K P F S G O
	23	1 2 3 4 5	M K P F S G O
	24	1 2 3 4 5	M K P F S G O

SOFIT SUMMARY SHEET

Date _____ School _____ Grade ____ Teacher _____
 Observer _____ Rel obs _____ No of students _____
 Lesson length _____ min Total observed intervals _____

16

	PAGE				TOTAL
	1	2	3	4	
Student behavior					
1. lying down					
2. sitting					
3. standing					
4. walking					
5. very active					
Lesson context					
Management (M)					
General knowledge (K)					
Physical fitness know (P)					
Fitness activity(F)					
Skill practice (S)					
Game play (G)					
Other (O)					

SPECIAL NOTES:

SOFIT 17

Date _____ School _____ Grade ____ Teacher _____ Tchr Gen: M/E
 Time start _____ Observer _____ Rel obs _____ No of students _____ Location: O I B
 Time end _____ Lesson Length _____ No of obs. _____ Page 1 2 3 4 of _____

Interval	Student Activity	Lesson Context	Interactions
	1	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T
	2	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T
	3	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T
o n e	4	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T
	5	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T
	6	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T
	7	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T
m/f	8	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T
	9	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T
	10	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T
	11	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T
	12	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T
	13	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T
	14	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T
t w o	15	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T
	16	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T
	17	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T
	18	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T
m/f	19	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T
	20	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T
	21	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T
	22	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T
	23	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T
	24	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T

NOTES

17

	25	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T	
	26	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T	
t h r e e	27	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T	
	28	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T	
	29	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T	
	30	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T	
m/f	31	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T	
	32	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T	
	33	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T	
	34	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T	
	35	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T	
	36	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T	
		37	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T
	38	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T	
f o u r	39	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T	
	40	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T	
	41	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T	
	42	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T	
	43	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T	
	44	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T	
	m/f	45	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T
		46	1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T
47		1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T	
48		1 2 3 4 5	M K P F S G O P D I M O T	
SUM				

SOFIT SUMMARY SHEET

Date _____ School _____ Grade _____ Teacher _____
 Observer _____ Rel obs _____ No of students _____
 Lesson length _____ min Total observed intervals _____

18

	PAGE				TOTAL
	1	2	3	4	
Student behavior					
1. lying down					
2. sitting					
3. standing					
4. walking					
5. very active					
Lesson context					
Management (M)					
General knowledge (K)					
Physical fitness know (P)					
Fitness activity(F)					
Skill practice (S)					
Game play (G)					
Other (O)					
Interactions					
Promotes fitness (P)					
Demonstrates fitness (D)					
General instruction (I)					
Manages (M)					
Observes (O)					
Other task (T)					

SPECIAL NOTES: